



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE POLÍTICA URBANA, METROPOLITANA E MEIO
AMBIENTE**

PRESIDENTE: SILVIA DA BANCADA FEMINISTA

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 19/08/2021

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão

A SRA. PRESIDENTE (Sílvia da Bancada Feminista) – Bom dia a todas, todos e todes.

Na qualidade de membro da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, declaro abertos os trabalhos da 18ª audiência pública, do ano de 2021.

Informo que esta reunião está sendo transmitida através do endereço www.saopaulo.sp.leg.br, no *link* Auditórios *On-line*, Auditório Virtual.

Esta audiência vem sendo publicada no *Diário Oficial da Cidade*, diariamente, desde o dia 14/08/2021.

Esta audiência pública foi chamada pela Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, da Câmara Municipal, da qual nós, da Bancada Feminista, somos membros.

Para nós é de uma importância enorme realizar esta audiência pública, na Câmara Municipal, porque temos uma relação com o tema em debate de muito respeito e admiração, assim como aos Sindicato dos Metroviários de São Paulo, que é uma categoria de fundamental importância, inclusive, considerada essencial de trabalhadores da Cidade. O Sindicato tem uma trajetória histórica de luta da classe trabalhadora na cidade de São Paulo. Para nós é importante que o tema esteja sendo tratado também na Câmara Municipal.

Antes de chamar os primeiros convidados, anuncio a presença do Vereador Antonio Donato, do PT. Ao nosso lado está a Coveadora Dafne Senna. Registro a presença virtual da Vereadora Ely Teruel, se quiser se manifestar peço que nos informe. Os demais Vereadores que forem chegando e os que quiserem fazer uso da palavra, poderão fazê-lo.

Antes de chamar os primeiros convidados, passo a palavra primeiro para a Coveadora Dafne Senna, em seguida para o Vereador Antonio Donato.

A SRA. DAFNE SENNA – Bom dia, gente. Quero apenas fazer uma saudação. Saudar este espaço, saudar os trabalhadores do Metrô que estão presentes, uma categoria muito importante na nossa cidade, para falar de um espaço importante na Cidade, um espaço construído pelos metroviários, mas que é aberto para a organização de toda classe

trabalhadora paulistana. Creio que é importantíssimo termos este espaço de diálogo, a oportunidade de construirmos argumentos para uma negociação, num lugar que faz parte da vida de todos os lutadores populares da cidade de São Paulo.

Quero saudar todo mundo, dizendo que a Bancada Feminista acredita que este espaço é dos metroviários e deve continuar com eles.

Bom dia para todos e boa audiência para todos nós.

Muito obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Sílvia da Bancada Feminista) – Passo a palavra para o Vereador Antonio Donato, presente na nossa audiência.

O SR. ANTONIO DONATO – Obrigado Sílvia, bom dia a todos e todas.

Cumprimento a iniciativa da Sílvia e da Bancada Feminista em propor esta audiência pública, uma vez que nós vivemos uma situação absurda, que nós só podemos entender como uma retaliação política a um sindicato de luta. Não podemos admitir esse tipo de situação na nossa cidade.

Como foi dito, a sede do Sindicato dos Metroviários, construída com muita luta e esforço da categoria, um espaço não só da categoria, mas da luta do povo paulistano e brasileiro, pois sediou congressos e inúmeras atividades de organização da classe trabalhadora e dos movimentos sociais, realizando também atividades de solidariedade social abrindo moradores de rua. Enfim, há uma série infinita de ações que torna incompreensível que um Estado como o de São Paulo põe a venda por 14 milhões de reais um terreno que foi adquirido. Isso não vai resolver nada a situação do Estado e do Metrô. Na verdade, é uma forma de retaliar a categoria.

Vejo como muito importante a iniciativa da Vereadora Sílvia em propor um projeto abrindo a discussão sobre o tombamento da área até para mudar a cultura dos nossos órgãos de preservação histórica,

porque o tombamento, normalmente, está ligado à história oficial da cidade, não à história real da luta dos trabalhadores. Temos aqui mais de um século de luta da classe

operária. Teve uma grande greve em 1917 - há poucos registros -, não tem nenhum apontamento histórico. Foi a primeira greve geral no Brasil, na região do Brás. O sapateiro Martinez foi assassinado. Houve uma grande comoção. Numa cidade com 200 mil habitantes, teve o cortejo fúnebre com mais de 70 mil trabalhadores. Isso não está na história oficial. Isso está apagado.

E quando colocamos um prédio, que faz parte da luta do povo brasileiro, da classe trabalhadora, é muito importante para que possamos abrir esse debate sobre o que os marcos da luta da classe trabalhadora e que também tem de ser objeto de preservação.

Nesse caso, o projeto da Silvia permite fazer esse debate e estamos aqui, hoje, para nos solidarizar com essa luta. Estamos trabalhando com todas as possibilidades de mediação. Queremos agradecer ao Presidente Milton Leite, que nos recebeu, recebeu o sindicato e se dispôs a mediar. Sabemos que, em última linha, talvez o que funcione mesmo é mobilização da categoria. Estamos aqui para ser solidários e fazer esse debate.

Parabéns. Obrigado, Sra. Presidente.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) - Muito obrigada, nobre Vereador Antonio Donato.

Fizemos convites para algumas autoridades. Convidamos o Sr. João Cury Neto, Presidente do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da cidade de São Paulo, Conpresp. Fizemos esse convite, exatamente, porque nós da Bancada Feminista estamos entrando com um pedido no Conpresp de transformar a sede do sindicato em patrimônio histórico, por tudo isso que o próprio Vereador Antonio Donato disse: pela representatividade, pela nossa memória, a história da classe trabalhadora. Mas, infelizmente, o Presidente do Conpresp não pôde comparecer.

Fizemos também dois convites aos Srs: Alexandre Baldy, Secretário de Transporte Metropolitano do Estado de São Paulo e Silvani Pereira, Presidente do Metrô de São Paulo. Os dois justificaram a ausência por motivos judiciais. Disseram que há um processo judicial e não poderiam se manifestar. Enviaram uma carta endereçada à Secretaria da Comissão de Política

Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente; ao Presidente da Câmara Municipal de São Paulo, Vereador Milton Leite; ao Presidente da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente, Vereador Paulo Frange; e à Sra. Vereadora Silvia da Bancada Feminista:

“Prezados senhores e senhoras, venho por meio desta, conforme contato telefônico, encaminhar o *e-mail* do gabinete da Presidência do Metrô, que o Dr. Silvani Pereira não poderá participar da audiência pública sobre o assunto, por compromisso inadiável assumido anteriormente. Assim solicito a essa Secretaria da Comissão dar ciência, deste, para todos os membros dessa importante Comissão.”

Deixou o telefone para entrarmos em contato, para ele prestar esclarecimentos. Assim que encerrar audiência, faremos a ligação.

Temos a presença de muitos representantes do Sindicato dos Metroviários, da categoria metroviário. Vamos começar chamando os três coordenadores. O Sindicato dos Metroviários funciona em base a uma coordenação.

Chamo o convidado Sr. Wagner Fajardo, um dos coordenados do Sindicato dos Metroviários, com uma histórica trajetória de luta de muitos anos na categoria. Então, tem a palavra o Sr. Wagner Fajardo.

O SR. WAGNER FAJARDO – Bom dia a todos e a todas, primeiramente, eu queria saudar a Bancada Feminista, na pessoa da Silvia, e também o companheiro Donato, que tem se dedicado na defesa da nossa sede, tem feito articulações políticas, tem nos ajudado nesta batalha que nós estamos travando, desde o dia 23 de abril. Eu quero saudar também o nosso companheiro Paulinho, conheço ele como Paulinho, Paulo Teixeira, Deputado Federal e também o Zaratini e outros Deputados Federais do PT, do PC do B, como o Orlando, que também tem se destacado na defesa dessa luta nossa, e nos ajudado nessa batalha contra o Governo Estadual e, em especial, contra a direção do Metrô e a Secretaria dos Transportes Metropolitanos.

Quero registrar aqui também a presença das centrais sindicais, que eu estou conseguindo ver aqui, estou vendo companheiro o Renê, que é o Presidente da CTB Estadual,

recém-eleito inclusive para direção nacional da CTB, e o companheiro Atnágoras Lopes, que é do CSP-Conlutas, primeiro agradecer, em especial, a CTB, que através do companheiro Wagner falecido há duas semanas, há uma semana aliás. O Wagner articulou inclusive junto com as centrais sindicais um fórum que teve debate com o Governo para conseguirmos fazer uma negociação, abrir um processo de negociação com o Governo, que em certa medida foi responsável para garantir que até agora a gente ainda não tenha tido o que a direção do Metrô e o Secretário de Transportes desejavam, que é uma reintegração forçada, uma reintegração violenta, com uso de força policial aqui no nosso sindicato.

Eu estou dizendo isso porque é esse o cenário que nós temos. É um cenário terrível, um cenário que demonstra a total insensibilidade, principalmente, como disse o Donato, o revanchismo da direção do Metrô e do Secretário de Transportes com a luta da categoria. Nós lutamos em defesa dos interesses da categoria e lutamos de forma intransigente.

E para isso a disputa que tem de se dar com o Governo do Estado independentemente das questões políticas têm de ser civilizadas. Elas têm de ser no mínimo respeitando os espaços e as instâncias democráticas. O que o Governo do Estado, através da Secretaria de Transporte, da direção do Metrô, está fazendo com o Sindicato dos Metroviários infelizmente, não é só conosco, mas o que está fazendo agora demonstra uma insensibilidade, principalmente, um espírito revanchista e ditatorial. Na realidade é uma postura de um governo antidemocrático, um governo que nem nos marcos da democracia escassa e tênue que nós temos no país se justifica. Não tem nenhuma justificativa para poder desocupar a nossa sede. A nossa sede foi construída com dinheiro, recurso e com organização dos trabalhadores metroviários e ela tem servido à luta, não só dos trabalhadores metroviários. Então nesses 30 anos que temos, desde a fundação em 1990, esses 32 anos, essa sede aqui foi palco de muita luta, não só dos metroviários, mas dos trabalhadores e dos movimentos sociais em defesas dos direitos do povo.

Portanto, nós repudiamos essa atitude do Governo, nós repudiamos essa ação

truculenta, queremos agradecer muito a oportunidade de podermos difundir essa luta porque nós temos um verdadeiro cerco da mídia, com pouquíssimas exceções e notícias sobre esse fato, e nós queremos dizer que nós vamos continuar lutando em defesa dos interesses e dos direitos dos metroviários, que estão ameaçados pela ação desse Governo, principalmente, do Secretário de Transportes e da direção do Metrô.

E nós queremos discutir, sim; queremos abrir diálogo com o Governo. Conseguimos diálogo com a Secretária Patrícia Ellen. Estamos tendo um diálogo, mediado pelo Presidente da Câmara Municipal, e acho que esse é o caminho que temos. A saída tem que ser negociada, tem que ser uma saída em que nós não tenhamos que utilizar os recursos que os trabalhadores têm para utilizar. Porque também não existe, da nossa parte – e quem assistir pode ver pelas manifestações dos trabalhadores -, nenhuma possibilidade de sairmos daqui sem um desgaste muito grande para ambos os lados. Tenho certeza de que a categoria vai atender ao apelo do Sindicato e, se for necessário, vamos sim fazer greve. Não queremos fazer, mas, se for necessário, a categoria não hesitará em defender seu sindicato, em defender a sede, em defender seus direitos.

Obrigado, Sílvia. Obrigado a toda a Bancada Feminista, ao Donato e à Comissão que nos possibilitou esse espaço para demonstrarmos nossa indignação.

A SRA. PRESIDENTE (Sílvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Fajardo. Anuncio a presença do Deputado Paulo Teixeira. Assim que terminarmos o chamado aos coordenadores do Sindicato, chamaremos o Deputado para fazer uso da palavra.

Tem a palavra Camila Lisboa, Coordenadora do Sindicato dos Metroviários de São Paulo. Quero registrar que é a primeira mulher a ser coordenadora do sindicato. Ela foi demitida por conta de uma greve, e depois, com muita luta da categoria, foi reintegrada e hoje cumpre um papel muito importante na coordenação do Sindicato dos Metroviários por ser negra, trabalhadora e a primeira mulher a cumprir essa tarefa. Tem a palavra, Camila.

A SRA. CAMILA LISBOA – Obrigada, Sílvia. Quero agradecer muito à Bancada Feminista do PSOL pela iniciativa, ao mandato do Vereador Antonio Donato, ao Deputado

Zarattini, que foi metroviário e também está acompanhando essa luta e a todos os mandatos e representantes do poder político que estão nos auxiliando nessa batalha.

A necessidade desta audiência se explica por conta de a cidade de São Paulo estar prestes a viver um conflito que poderia e pode ser totalmente evitado. O tema da seda do nosso sindicato está repercutindo há algum tempo. Estamos passando por ameaçadas violentas de reintegração de posse, por vigílias, por atos, por manifestações, por algumas tentativas de negociação com o Governo do Estado, com a Câmara de Vereadores; e não tivemos nenhum canal de negociação, de diálogo com a direção do Metrô de São Paulo e com a Secretaria de Transportes do Estado, nas figuras do Silvani Pereira, que é Presidente do Metrô, e do Secretário Alexandre Baldy.

Estamos falando de uma atitude que é extrema, inclusive questionada por dirigentes do Metrô e por figuras do centro político do Estado de São Paulo e da cidade de São Paulo. Eu classificaria como um arroubo autoritário e desnecessário. A sede do sindicato ocupa há mais de 30 anos esse espaço, que é do Metrô mesmo. Então, como foi possível tolerar essa concessão por 30 anos, e agora não é mais? Por que paralisar esse processo sem nenhuma conversa, sem nenhum diálogo, e ainda com a venda do terreno por um valor que não impacta em nada a crise financeira do Metrô?

Acho que a crise financeira do Metrô tinha que ser mais bem explicada para a sociedade. Porque quando se trata de atacar o direito dos trabalhadores, a argumentação da crise aparece com muita força; mas, quando se trata de apresentar o balanço dessa empresa pública para a Cidade como um relatório integrado do Metrô, a crise pouco existe. Mas ainda que o cenário de terra arrasada que o Metrô utiliza para justificar a venda do terreno e os ataques aos trabalhadores fosse o cenário real, eu também acho importante perguntarmos: haverá impacto financeiro positivo com essa atitude? É verdade que vender um terreno por metade do seu valor, 14 milhões, resolverá a crise financeira do Metrô? Acho que todo mundo sabe que a resposta é “não” e acho que todo mundo sabe que o impacto político sobre a organização dos trabalhadores é muito maior e que se trata de um atentado a direitos e

liberdades democráticas básicas, porque é uma prática antissindical.

É esse o caráter que se sobressai nessa atitude da direção do Metrô, da Secretaria de Transportes. Essa atitude pode ter resultados que impactem toda a direção política do Estado de São Paulo e da Cidade de São Paulo, porque também não é razoável que assistamos a uma postura desse tipo, com esse caráter autoritário, e não se espere uma reação dos trabalhadores. É claro que os trabalhadores vão reagir, e já estão reagindo. Já existe um conflito estabelecido entre a direção do metrô, a Secretaria de Transportes, o próprio Governo do Estado, a categoria dos trabalhadores do metrô e todo o movimento social, que está comovido por esse tipo de prática, de tomar um espaço histórico, de organização de luta, um espaço político, cultural, social, que toda a classe trabalhadora da cidade de São Paulo já utilizou como instrumento.

Então, estou dizendo isso porque é muito provável sim que se a direção do metrô e a Secretaria de Transportes apostem em levar o conflito ao limite, nós vamos usar as nossas forças, o recurso que os trabalhadores têm, e a nossa categoria sabe o poder que tem em paralisar a cidade de São Paulo; sabe e tem consciência da força que esse poder tem, e usa em último recurso, como a gente usou quando não havia mais... Havia muita intransigência na negociação da nossa campanha salarial, e agora a gente vê uma intransigência absurda.

Então, para evitar que a cidade de São Paulo pare, que haja greve no metrô e para evitar que haja um conflito desse tamanho, num momento difícil da sociedade brasileira, da sociedade paulistana, existe uma crise social de fome, com pessoas morrendo de frio e de fome na Cidade mais rica do País, é razoável que os dirigentes políticos do Estado e da Cidade causem esse tipo de transtorno, uma reação dos trabalhadores diante de uma atitude absurda como é a tomada da sede, a gente acha que não é razoável. Por isso que a gente está apelando a todo Poder Público, a todo poder de organização sindical, às centrais sindicais e aos movimentos sociais, para a gente não deixar que essa atitude aconteça, e para que os metroviários possam se manter aqui na sua sede histórica, que construíram com a força da sua luta, com a força da sua organização; e se trata de uma questão de legitimidade, que esse

espaço tem que ser da nossa categoria e de todo o movimento social de São Paulo.

Então, muito obrigada pela iniciativa. Valeu.

A SRA. PRESIDENTE (Sílvia da Bancada Feminista) – Tem a palavra o Sr. Altino de Melo, um dos coordenadores do sindicato. O sindicato tem três coordenadores. É um trabalhador há muito tempo do metrô e também dirigente sindical do metrô há muito tempo.

O SR. ALTINO DE MELO - Obrigado. Agradeço a companheira Sílvia, pela bancada feminista do PSOL, o Deputado Paulo Teixeira, o Vereador Antonio Donato, companheiro, e diversos parlamentares que estão nos ajudando aí, das diversas organizações e partidos, como também a CSPConlutas, a Central Sindical e Popular e o companheiro Renê. A gente está tendo muitas solenidades, de vários sindicatos no País, quando sabem da história, que está ameaçada a nossa sede, todo mundo reconhecendo que é uma atitude completamente absurda e antidemocrática. Agradeço também a categoria da campanha salarial, que já se mobilizou e está se mobilizando em defesa da sua sede.

Nós temos há 30 anos essa sede no mesmo local. Construímos a categoria. Ela construiu na sua história. Foram feitas contribuições. Os engenheiros ajudaram a moldar a sede do sindicato. O terreno é do Estado, mas a construção foi da categoria. É uma sede que teve história. Várias organizações participaram dessa sede, particularmente da quadra do sindicato, lutou contra a ditadura militar, pelas liberdades democráticas e exatamente nós estamos sofrendo esse ataque da liberdade democrática.

No País, numa situação bastante difícil, com mais de 570 mil mortos pela Covid, o direito dos trabalhadores estão sendo cada vez mais ameaçados, com reformas atrás de reformas, que tiram os direitos e ameaçam o patrimônio público e a entrega das estatais. É o caso dos Correios, a entrega da estatal, como é a Eletrobras, a Petrobras sendo dilapidada, e o metrô e a CPTM sendo ameaçados de privatização, apenas em benefício dos grandes empresários.

Não é à toa que os bilionários ficam mais bilionários e os trabalhadores e a população mais pobre ficam mais pobres. E o sindicato, neste momento, está sendo solidário.

No horário do almoço, mais de 100, 140 pessoas vão pegar um prato de comida, que o sindicato, junto com a União Brasileira de Mulheres, está fornecendo, no sindicato, como forma de solidariedade nesse momento difícil.

No período do frio, a gente também alojou, em combinação com o Padre Julio Lancellotti, para que as pessoas pudessem ter uma acolhida, pelo menos, no período do frio. Então, nosso sindicato tem história e tem luta; e nós estamos dispostos a resistir e evitar essa atitude antissindical, claramente com a intenção de calar a boca do sindicato.

Isso eles não vão fazer. Eles não vão calar. Nós estamos defendendo, agradecemos a oportunidade, e eu acho que todo movimento sindical, aqueles que defendem os direitos democráticos, tem o dever – e já estão fazendo isso – de ajudar para que o Governo do Estado não cometa essa atrocidade. Acho que temos condições de vencer e vamos, aliás, discutir com a categoria inclusive a possibilidade de greve dos metroviários em defesa da sua sede, além da própria resistência e o debate com a sociedade. Então agradecemos demais da oportunidade de, nessa audiência, expor um pouco a nossa situação e também dizer que estamos dispostos a fazer outras ações junto com os Parlamentares, junto com a sociedade civil, para que nosso Sindicato – que tem uma história – continue lutando e defendendo a atual situação dos de baixo contra a ganância e a exploração, principalmente das grandes multinacionais e das grandes empresas.

Vamos juntos aí e, mais uma vez, agradecer a oportunidade. E a categoria dos metroviários que está acompanhando a audiência, lembrando que estamos aqui na batalha e vamos resistir. Valeu, um abraço a todos.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Muito obrigada, Altino, pelas palavras. Queremos dizer que é isso mesmo. Os três coordenadores do Sindicato colocaram que vai haver, sim, resistência, vai haver luta, vai haver possibilidade de greves, de paralisações, além de estarem também defendendo a sede do sindicato, que não é só um prédio, é uma história, é uma memória de luta que não pode ser destinada para outros fins.

Quero chamar agora, então, o Deputado Paulo Teixeira que está presente

virtualmente na nossa audiência, embora esteja lá em Brasília, muito importante seu pronunciamento para nós, Deputado. Com a palavra Paulo Teixeira.

O SR. PAULO TEIXEIRA – Bom dia a todas, bom dia a todos. Quero cumprimentar a coordenação do Sindicato, permitam-me fazê-lo no nome do Altino, da Camila, do Wagner, e também permitam-me saudar a todos na pessoa do Amaral, que é um velho conhecido meu, do Sindicato dos Metroviários.

Os sindicatos estão sendo vítimas de um ataque sem precedentes das elites brasileiras. O primeiro ataque foi a reforma trabalhista, a chamada Reforma Trabalhista que foi, na verdade, uma desforma trabalhista. O que a reforma objetivou foi tirar salário dos trabalhos e tirar a força dos sindicatos que sempre defendem os trabalhadores.

Agora, fizeram uma nova reforma trabalhista que nos parece estarmos voltando quase que à Lei Áurea. Estamos revogando, na verdade, a Lei Áurea no Brasil.

O que o Dória fez em São Paulo é inaceitável, é inadmissível. É um desrespeito! É um desrespeito à Democracia, à classe trabalhadora, a um sindicato muito importante para a vida da cidade de São Paulo que é o Sindicato dos Metroviários, é uma instituição histórica.

Quero, aliás, prestar minha homenagem a esse companheiro que partiu essa semana, o Wagner Gomes, e dizer: nós não vamos admitir o que eles fizeram.

Eu estive no Tribunal de Contas e percebi o seguinte: primeiro, a licitação foi fraudada. Eles arrumaram duas outras ‘empresinhas’ para dizer que tinha concorrência. A licitação foi fraudada. Segundo, o edital é ilegal. O edital deveria ter oferecido para o próprio Sindicato a compra da sede e não ofereceu. O Sindicato poderia ter participado da licitação. E terceiro, o valor foi subavaliado.

Eu liderei um processo, liguei para a Bebel, que é a Líder da Bancada do PT na Assembleia, professora Bebel e liderei, na Bancada Federal, junto com o Alencar, o pedido de uma audiência com o Governador. Então, Bancada Federal e a Bancada Estadual. Falei com o Cauê Macris, e ele disse que vai marcar. Estamos aguardando essa audiência para dizer que, para nós, é inaceitável, vender a sede do Sindicato dos Metroviários de São Paulo. É

inadmissível. É cortar qualquer tipo de diálogo em relação a nós se eles concretizarem essa venda. Devolvam o Sindicato para a classe trabalhadora. Respeitem a classe trabalhadora. Respeitem os Metroviários que tratam tão bem a população de São Paulo. Talvez o melhor serviço público de transportes do Brasil seja o Metrô de São Paulo. Respeito aos trabalhadores.

Por essa razão, a Bancada Federal do PT, junto com a Bancada Estadual do PT – e eu acho que a gente podia chamar também o PSOL, o PCdoB e o PSB. Eu vou falar com o Orlando e com a Sâmia –, vamos juntos falar com o Governador e dizer que isso não se faz e que, se S.Exa. não estiver sabendo do que está sendo feito, que fique sabendo e, se estiver, é inaceitável que alguém, num regime democrático, faça isso com os sindicatos.

Contem conosco. Contem comigo, com o Zaratini e com o Alencar, porque são os três que estão liderando, e com a nossa Bancada Estadual. Vamos unir a esquerda em torno da sede do Sindicato dos Metroviários.

Minha gratidão a vocês. Eu sempre usei a sede do sindicato para plenárias, para reuniões e participei lá de todos os tipos de reunião. Nós devemos isso a vocês, que nunca cobraram um centavo; quando não, a direção do sindicato ainda pagava um refrigerante ou uma cerveja para a gente no bar. Então, nós temos uma gratidão enorme a vocês, uma dívida de gratidão, e estamos juntos com vocês para garantir que a sede do sindicato continue nas mãos de vocês.

Um grande abraço.

A SRA. PRESIDENTE (Sílvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Deputado Paulo Teixeira pela participação e pelas palavras.

Agora eu gostaria de veicular o vídeo do Deputado Zaratini, que tem se empenhado pessoalmente na defesa do sindicato. Neste momento, como ele está em voo, retornando de Brasília, ele nos pediu que nós veiculássemos o vídeo que ele gravou e nos mandou.

O SR. CARLOS ZARATINI – Bom dia, pessoal. Aqui é o Deputado Federal Carlos Zaratini. Cumprimento todos e todas que estão participando dessa audiência pública e

parabenizo a iniciativa da Vereadora Silvia da Bancada Feminista. É muito importante esse projeto para tombar o prédio do Sindicato dos Metroviários, que foi inaugurado em 1990 num período de muita luta dos trabalhadores em toda a cidade de São Paulo e em todo o Brasil. Eu sou sócio e fui diretor desse sindicato, que foi um dos pontos fundamentais nas mobilizações daquele período e, por isso, tem que ser reconhecido como patrimônio histórico da Cidade, da luta dos trabalhadores, das lutas dos movimentos sociais.

Hoje esse prédio está ameaçado pela especulação imobiliário. O Governo do Estado, de forma absolutamente violenta, rompeu o convênio do sindicato que permitiu a construção da sede e leiloou o terreno, de uma forma desrespeitosa e absurda com os trabalhadores metroviários e com os trabalhadores em geral. Por conta disso, a gente apoia esse projeto, e vamos lutar para manter a sede do sindicato e impedir que ela seja demolida.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada ao Deputado Carlos Zaratini, que mandou o vídeo em apoio ao Sindicato dos Metroviários e a toda a sua diretoria e categoria.

Agora eu chamo a Ana Paula Teles, que representa um movimento social muito importante, o MTST, que tem tido um papel fundamental nessa luta de resistência inclusive dentro do sindicato, apoiando ativamente essa resistência à venda da sede.

A SRA. ANA PAULA TELES – Bom dia a todos e a todas. É muito importante esta audiência, porque a gente tem que usar todos os instrumentos e ferramentas para colocar isso na pauta, porque isso é uma urgência. Quero saudar a Bancada Feminista, a Silvia, que está presidindo esta audiência; o Vereador Donato; todos os coordenadores do sindicato; todos os representantes das centrais sindicais; enfim, toda uma frente bastante importante e forte para evitar que essa tragédia aconteça. Para a gente, isso é uma tragédia.

Temos de falar que reintegrações podem ser revertidas. O MTST é um exemplo de reverter várias reintegrações. A gente tem precedentes e temos de lutar para que isso aconteça. Não é algo impossível. Temos de lutar e estamos juntos. Estivemos nessas atividades contra essa arbitrariedade que está acontecendo.

Diversas pessoas aqui colocaram elementos muito importantes que demonstram o papel social, cultural e histórico tão importante para os sindicatos, para as organizações, para o MTST.

Também quero falar de quantas reuniões estive nesse sindicato, o quanto que esse sindicato é generoso com os movimentos sociais. Então, é fundamental que a gente consiga reverter isso. Então, estamos junto com vocês. Podem contar com o MTST.

Algo impressionante e não sei o que o Doria tem medo, o que o PSDB tem medo dos sindicatos, dos movimentos sociais. Deveriam abrir, sim, diálogo, fazer um processo democrático. Na verdade, eles já deveriam ter tombado esse prédio. Isso é uma política pública fundamental. Isso tem história, a história da Cidade. Estamos discutindo, inclusive, no âmbito municipal, na questão do Plano Diretor a ausência dos espaços culturais e históricos que precisam ser privilegiados para que haja mais espaço para a população, um espaço tão importante como o Sindicato dos Metroviários.

Então, contem com a gente. Vamos estar junto nessa luta, como já estivemos em tantas outras. Então, contem com o MTST porque a gente sabe que reintegração é uma luta dura, é uma luta difícil, mas que a gente consegue reverter. Temos precedentes e a gente vai conseguir. Contem com o MTST.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Ana. Obrigada ao MTST.

Queria anunciar a presença do Vereador Rodrigo Goulart, virtualmente, na nossa audiência. Se o Vereador Rodrigo quiser fazer uso da palavra, avise-nos, assim como a Vereadora Ely Teruel, que também está presente.

Queria dizer que convidamos todas as centrais sindicais, convidamos a CTB, a CUT, a Intersindical, a Conlutas, a Força Sindical, a UGT, mas tivemos uma audiência com um caráter quase que de urgência, porque aprovamos a audiência na semana passada e ela já está sendo realizada nesta semana. Então, muita gente foi convidada rapidamente e as pessoas já tinham outros compromissos e nem todas as centrais sindicais puderam estar

presentes. Mas vamos chamar as centrais sindicais que estão aqui com seus representantes.

Então, primeiro, gostaria de chamar a CTB, que tem como representante o Rene Vicente.

Tem a palavra, então, o Sr. Rene.

O SR. RENE VICENTE– Bom dia a todos e todas.

Gostaria de saudar a Bancada Feminista do PSOL pela iniciativa; o Vereador Donato; tivemos aqui o Paulo Teixeira; o Zarattini. São companheiros de luta que têm nos acompanhado e dado todo apoio ao Sindicato dos Metroviários.

Em nome da categoria dos metroviários, quero cumprimentar também o Atnágoras, da SP Conlutas e os companheiros Wagner, Camila e Altino que têm estado a frente do sindicato neste momento de extrema dificuldade, de ataques que sofre a classe trabalhadora, mas que tem lutado com toda maestria e valentia que o momento exige.

Ontem de manhã, estávamos distribuindo um panfleto, uma carta aberta nas estações de metrô. Fizemos uma movimentação nacional contra a PEC 32, contra as privatizações do Governo Bolsonaro.

Quero também lembrar a memória do companheiro Wagner Gomes que foi um dos lutadores da categoria e que ajudou a construir esta entidade, ajudou a construir esta sede. Tivemos a honra de nos despedir do companheiro na sede do sindicato. Acho que foi um momento extremamente emocionante para a categoria, para aqueles que acompanharam a vida de Wagner Gomes, um lutador das causas sociais; sempre esteve presente na luta dos metroviários; ex-Presidente; ex-Presidente da CTB. Então, acho que faz parte da luta do Sindicato dos Metroviários e também tinha se esforçado, em seus últimos meses de vida, diante dessa luta, no sentido de tentar dialogar com o Governo para construir um caminho do diálogo, um caminho que respeite a história do Sindicato dos Metroviários, que respeite a história da categoria, que é um sindicato que é uma casa dos movimentos sociais. Eu acho que mais que uma entidade de classe pertencente à categoria dos metroviários, a sede do Sindicato dos Metroviários pertence à luta social aqui, na capital paulista; pertence à luta dos

movimentos sociais. Todas as categorias já fizeram reuniões, já se organizaram dentro daquela sede.

Então, acho que ela faz parte mesmo. Realmente, é um patrimônio histórico da classe trabalhadora no Município de São Paulo. Infelizmente, a política de João Doria tem sido uma política de privilegiar o setor imobiliário. Isso que nós estamos assistindo aí, essa entrega do Sindicato dos Metroviários à iniciativa privada, nada mais é do que uma adesão sem freios à especulação imobiliária. Estamos vendo aí, é o Sindicato dos Metroviários, é o tobogã do Pacaembu, é o Ibirapuera, o Complexo do Ibirapuera que querem privatizar. Então, é uma série de entregas de terrenos, de patrimônios públicos à iniciativa privada, cedendo à especulação imobiliária e aos interesses do mercado.

Então, a CTB se soma aos companheiros nessa luta. Estaremos juntos nessa luta, resistindo de todas as maneiras para que esse patrimônio político e histórico da classe trabalhadora, que é o Sindicato dos Metroviários, não seja entregue, não seja entregue à especulação financeira, ao mercado. E eu tenho certeza de que independente de tudo isso, essa categoria é uma categoria de luta, que vai continuar se organizando, resistindo e lutando, que é isso o que eles aprenderam; é isso o que este Sindicato representa, que esta sede representa. E isso, o Doria ou seja lá quem for que esteja no Governo, ninguém vai tirar da categoria, que é o princípio ideológico da luta em defesa dos direitos sociais, em defesa dos direitos da classe trabalhadora e da categoria.

Então, parabéns a todos que organizaram esta *live* e a CTB se soma à esta luta conjunta em defesa desse patrimônio histórico, que é o Sindicato dos Metroviários da capital.

Muito obrigado a todos e a todas.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Muito obrigada, Rene, representando a CTB. E, na sequência, eu vou chamar o representante da Conlutas, Atnágoras.

O SR. ATNÁGORAS LOPES – Na figura da Bancada Feminista do PSOL e da minha amiga Silvia, eu queria saudar a iniciativa e dizer que isso soma muito em uma corrente,

e saudar todas as representações parlamentares, institucionais que estão nesta audiência.

A CSP-Conlutas valoriza muito esse grau de unidade, de amplitude que nós estamos tendo aqui em defesa da sede do Sindicato dos Metroviários e acho bastante coloquial, por assim dizer, que tenha se tido a iniciativa de pautar o tema sob a ótica de um patrimônio público, um patrimônio da classe trabalhadora, e porque ele assim o é.

Então, independentemente da corrente ideológica que os dirigentes do Sindicato dos Metroviários e as dirigentes já pertenceram ou pertencem atualmente, a sede do Sindicato dos Metroviários sempre foi palco de muitas reuniões, como foi dito aqui, de muitos congressos e de muita resistência. Eu me lembro do ponto de apoio que foi a sede do Sindicato e de resistência contra uma repressão violentíssima por parte da Polícia do Governo do Estado quando da nossa atitude crítica contra os investimentos na Copa do Mundo em detrimento da precariedade da Saúde, da Educação pública, da falta de moradia.

A CSP-Conlutas, uma central de caráter sindical e popular, muitos dos nossos momentos foram realizados na quadra do Sindicato dos Metroviários. Acho que a simbologia, a homenagem, a honra que foi prestada ao companheiro Wagner Gomes naquele momento de despedida na quadra do Metrô é signo dessa força. Essa força ampla, inclusive, dessa força humana, assim como foi e como é, por exemplo, a quadra dos bancários de São Paulo, palco de tantas lutas e lembro-me também da despedida do nosso camarada Didi. Ou seja, são lugares muito importantes.

Então a afronta do Governo, esse arrombo ditatorial como foi dito, essa irresponsabilidade, esse revanchismo merece uma reação à altura. E a primeira reação à altura é esse grau de unidade, de apontamento, de resistência, de ocupar essa resistência, inclusive, em todos os espaços como está sendo utilizado nesta Câmara de Vereadores, mas contar muito com essa força da categoria. E a categoria deve ter muito orgulho porque sabe que aquele patrimônio não é só dela, aquele patrimônio é da classe trabalhadora brasileira e estamos juntos e misturados nessa batalha.

Vamos enfrentar o Doria, e óbvio, para concluir, também temos acordo com a

postura do Sindicato, de resistência, de preparar a greve, mas de apontar para o diálogo e ser, inclusive, a oposição a essa postura truculenta e antissindical do Governo. O Sindicato tem mostrado disposição de negociar e aquilo que for um caminho apontado pelo Sindicato vamos estar ombro a ombro com os companheiros e as companheiras nessa batalha, que é de toda classe trabalhadora brasileira.

Muito obrigado pelo espaço. Vamos juntos até a vitória, camaradas.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Atnógoras, pela presença e pelas palavras. Lembro, o que muitos falaram é que o Governador João Doria, assim como o Vice-Governador Rodrigo Garcia, são responsáveis. Então aqui está se chamando a responsabilidade do Governador e Vice-Governador de São Paulo para resolver essa questão e não deixar que o Sindicato dos Metroviários, que representa a categoria metroviária de São Paulo, seja vendido e que permaneça nas mãos da categoria, dos trabalhadores.

Vou chamar os inscritos para participarem da audiência. Vou começar com o Paulo Pasin, trabalhador metroviário de muito tempo, se inscreveu para participar da nossa audiência. Tem a palavra, Paulo Pasin.

O SR. PAULO PASIN – Bom dia a todos, Vereadora Silvia da Bancada Feminista, Vereadores, é uma honra para nós, metroviários, ouvir os companheiros Deputados também, que estão apoiando a nossa luta.

Quero agregar uma coisa, a sede do Sindicato dos Metroviários também é sede da Federação Nacional dos Metroviários, uma entidade que organiza os metroviários a nível nacional. Além de tudo, a nossa luta de resistência, de tudo o que já foi falado no sentido do papel que esse Sindicato, essa sede, já teve para as diversas categorias, acho que a iniciativa da Bancada traz também um novo debate para a cidade de São Paulo, o debate da história da Cidade.

Até agora a história da cidade de São Paulo sempre foi contada sob a ótica da classe dominante. Não é à toa que há, inclusive, estátuas, ruas que homenageiam ditadores,

estátuas que homenageiam torturadores, como a estátua do Borba Gato. Os governos têm um caráter de classe e querem esconder a história da classe trabalhadora. É impensável imaginar a história de São Paulo nos últimos anos sem levar em conta aquela sede nossa e o papel da categoria metroviária na luta pelas diretas, pelo fim da ditadura, nas diversas greves gerais.

Então acho fundamental essa iniciativa e também aquilo que os coordenadores já falaram, a categoria vai resistir, está aberta ao diálogo, está procurando diálogo, agradecemos a todos que estão nos ajudando em abrir o diálogo. Mas se o Governo Doria persistir com sua posição, nós vamos reagir à altura.

Hoje, há um fato político que demonstra muito claro o que é o Governo Doria, está indicando o Rodrigo Maia para ser Secretário. E, no elogio, o Rodrigo Maia coloca exatamente toda as medidas que foram fundamentais na aprovação do Congresso Nacional, todas as medidas contra teto de gasto, reforma trabalhista, enfim, tudo aquilo que atacou a nossa classe.

Então, parabéns a Bancada Feminista, Vereadores que estão ajudando nesse processo. Conte também com a Federação Nacional dos Metroviários.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada. Queria chamar mais um inscrito da nossa audiência, o Sr. Rodrigo Kobori, que está aqui representando a Fenametro - Federação Nacional dos Metroviários.

Essa luta para manter a sede do Sindicato nas mãos dos metroviários é uma luta também nacional, de toda a categoria metroviária.

O SR. RODRIGO KOBORI - Boa tarde. Nesta importante audiência, em nome dos metroviários e metroviárias de todo o país, quero agradecer a Vereadora Silvia Ferrari e todos os Vereadores e Vereadoras que propuseram esta audiência, junto com o Presidente Milton Leite, que nos recebeu para nos ouvir, entender a história dessa categoria, o papel que os metroviários e metroviárias têm no desenvolvimento da Capital.

Agradecer às centrais sindicais, que também abriram espaço para que a gente pudesse ter o mínimo de interlocução com o Governo do Estado, na tentativa de encontrar uma

solução para esse problema. Agradecer os movimentos sociais, aos movimentos estudantis, que têm nos apoiado, têm nos auxiliado na ocupação da sede, têm nos auxiliado na condução de alternativas para ajudar o povo paulistano, um povo que tem sofrido muito durante a pandemia.

Informo que muitos metroviários e metroviárias estão acompanhando esta audiência, como os que me antecederam já informaram, os metroviários não só de São Paulo, mas de todo o país, acompanham atentamente esse processo aguardando o chamado da entidade sindical para se mobilizar e enfrentar, se for necessário, inclusive com um mecanismo que é tradicional da luta dos trabalhadores, com greve, na defesa do sindicato dos metroviários.

A que é importante a gente destacar, como o Deputado Federal Paulo Teixeira já falou, que o processo de licitação é um processo que tem vários vícios, nós estamos questionando; mas, além disso, quase R\$ 15 milhões, que foi o valor da venda, não é um valor que vai resolver o problema dos cofres do Metrô, se o metrô tem problema de caixa, de fluxo, gerado principalmente por conta da pandemia. E nós estamos dispostos a negociar e encontrar soluções e alternativas, mas que garantam a manutenção da nossa sede.

Além disso, o espaço do Sindicatos dos Metroviários serviu para a luta dos trabalhadores, para a organização do movimento social, do movimento sindical. Então, nesse momento, o Governo do Estado, que tenta atacar mais uma vez os trabalhadores, precisa abrir espaço de interlocução, de negociação com os trabalhadores, para que a gente possa encontrar alternativas para ajudar e manter a sede.

Portanto, mais uma vez, agradeço o espaço, agradeço a Vereadora Silvia Ferrari. Estamos à disposição naquilo que for necessário e preciso para ajudar a iniciativa e os metroviários atentos para se organizarem e se mobilizarem, se for necessário, para enfrentar esse ataque.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada. Tem a palavra

o Sr. Sérgio Renato, trabalhador do Metrô, também Diretor do Sindicato.

O SR. SÉRGIO RENATO - Boa tarde a todos, a todas. Primeiro, agradecer a iniciativa da Bancada Feminista, Vereador Donato, companheiros. É muito necessário que se amplie muito mais esse arco para defender esse patrimônio da classe trabalhadora de São Paulo e do país, que é sede do Sindicato dos Metroviários.

É importante deixar claro o que foi comentado de que nós construímos e pagamos impostos durante todos esses anos, mais de 30 anos, da sede do Sindicato e que nunca, em nenhum momento, nem durante a ditadura, período final da ditadura, quando foi construído o Sindicato, foi aventada a hipótese de venda do terreno; em nenhum momento. A intempestividade, a brutalidade do momento em que é posto o tema durante a pandemia, durante essa situação econômica e sanitária inaudita, durante esse período, essa proposta sai do nada, absolutamente do nada. Não existe um precedente. Podem procurar em qualquer livro, em qualquer texto que fale da proposta de venda do terreno dos sindicatos. Nós ficamos sabendo no dia em que o Metrô falou que iria pôr em leilão, e já tinha a data do leilão, estava tudo estabelecido para esse leilão fraudulento, que nós denunciemos criminalmente.

Para que os companheiros e as companheiras que acompanham, ou que estão tomando noção, conhecimento do fato, sabendo da dimensão do ataque, da brutalidade, da intempestividade: a ditadura militar intervinha no sindicato, tirava a sua diretoria, fez isso neste sindicato – interveio, tirou a diretoria, colocou o interventor, mas nem cogitou em tirar a sede, tirar a sede física da entidade. E agora o Doria, no meio da pandemia, tem uma atitude intempestiva, brutal como essa. Esse é o enquadramento que nós temos que ter da situação política do país, em que momento que isso pode acontecer.

Eu, como trabalhador da manutenção do Metrô, também conselheiro, nós estamos dispostos a lutar até o fim para manter essa sede. Até porque, como disseram anteriormente, não são as paredes do prédio, é a história, é como que vai ser contada a história. Então é muito importante essa audiência.

Agradecemos profundamente a essa iniciativa e estamos juntos nessa batalha. E

não vão tirar a sede dos metroviários. A sede fica, Doria e Bolsonaro saem. É esse o lema.

A SRA. PRESIDENTE (Sílvia da Bancada Feminista) – Muito obrigada, Sérgio Renato, que é trabalhador do Metrô, também representante sindical.

Tem a palavra o Sr. Antonio Petrauskas. (Pausa) Ele está com certa dificuldade de abrir. Vou chamar o próximo, depois eu volto no Antonio Petrauskas.

Tem a palavra um outro trabalhador metroviário que se inscreveu, também representante sindical, que é o Ricardo Senese.

O SR. RICARDO SENESE – Bom dia, Sílvia; bom dia à toda a bancada de Vereadores e Vereadoras comprometidos com a classe trabalhadora. Gostaria de fazer uma saudação.

Eu me chamo Ricardo Senese, sou diretor de Patrimônio e de Finanças do Sindicato dos Metroviários. Nós temos um colegiado também. Eu trabalho junto com o Amaral e com a companheira Betinha. Estamos aí dando todo o suporte e apoiando a coordenação do nosso sindicato em todas as operações que temos desenvolvido na nossa sede.

Durante toda a pandemia, a sede tem sido um espaço importante de apoio, de solidariedade, como foi reforçado inicialmente. É um momento muito difícil que estamos passando na pandemia. E nós conseguimos implementar um apoio regular, importante, em relação à questão das marmitas para moradores de rua, companheiros e companheiras que dormiram no sindicato em dias de frio. E o nosso sindicato também sempre foi muito solidário, com apoio a diversos movimentos: MTST, movimento de luta dos bairros, MLB, o Luta Popular entre outros movimentos que fizeram e continuam fazendo doações de cestas, *kits* com álcool e gel, o nosso sindicato sempre apoiou financeiramente nesse período também, e a nossa entidade tem essa característica, portanto, popular e sindical.

Registro isso porque é de interesse público, de interesse da cidade de São Paulo que esse trabalho se mantenha, que ele continue. Então, nós fazemos um apelo, um reforço tudo o que foi dito, porque é uma sede com extrema capacidade de trabalho para a população, cumpre um papel social e é de uma categoria que trabalha 24 horas por dia. Nosso

funcionamento é em todos os momentos. Na pandemia, nós não paramos. Trabalhamos no Natal, no Ano Novo, em feriados e madrugadas adentro para fazer com que essa cidade funcione.

Então, essa categoria precisa ter a sua sede, precisa ter uma casa. É uma retaliação completamente absurda e sem sentido, e que, para nós, tem um valor histórico muito grande. Nós fazemos aqui referência ao Wagner Gomes, mas em nome de toda a história do Sindicato dos Metroviários, é uma categoria que tem cumprido esse papel de movimentar a cidade de São Paulo com extrema pressão, um extremo esforço e cansaço de praticar esse serviço, e, muitos dos nossos, infelizmente, falecem na proximidade dos 60 anos de idade, muitos companheiros que perdemos na pandemia. Isso se deve a toda carga pesada que temos que suportar nesse serviço que é essencial e que damos tudo, as nossas vidas, por ele.

Achamos que essa retirada é algo extremamente brutal contra nós e reforçamos o nosso desejo de manter a nossa casa política, a nossa casa dos trabalhadores e também que tem essa característica popular. E, como nós amamos esse espaço, é importante registrar que acontecem casamentos, diversos eventos culturais e esportivos. É a casa da nossa assembleia e de diversas reuniões, onde nos organizamos e planejamos. Nós construímos esse lugar, portanto, como eu disse, nós amamos a nossa sede e não aceitaremos sermos retirados de lá de qualquer maneira, sendo distratados e desrespeitados. Não aceitaremos isso.

O nosso entendimento enquanto diretoria é que é construir uma discussão de greve com a categoria metroviária por tudo o que significa, com a nossa história, pela nossa dignidade. É dignidade mantermos esse espaço e achamos completamente indigna a forma como querem nos retirar de lá por uma mixaria, por um processo – como foi falado aqui – extremamente questionável. Então, nós temos essa disposição. Nós já paralisamos neste ano, fizemos greve e temos a possibilidade sempre de construir, como foi falado pelos Coordenadores, viemos e queremos a negociação, agora, de forma respeitosa e de forma concreta. Daí, sim, não destravaremos um processo tão pesado como é uma greve dos metroviários.

É a nossa casa, onde nos sediamos, a qual amamos e que nós faremos de tudo para manter.

Muito obrigado a todas e todas e a todas as Bancadas. Respeitosamente, um abraço a todos e a todas.

A SRA. PRESIDENTE (Sílvia da Bancada Feminista) - Muito obrigada, Senese pelo seu depoimento, suas palavras e presença.

Eu queria ver se o Antonio Petruskas está disponível para falar. Ele estava com problema técnico. Não sei se já resolveu. (Pausa) Não. Se não for possível, nós vamos, antes de encerrar, dar mais alguns minutos para os coordenadores do Sindicato.

Então, quero chamar, primeiramente, o Altino de Melo para fazer suas considerações finais.

O SR. ALTINO DE MELO – Primeiro, mais uma vez, um agradecimento à rapaziada, aos companheiros, às companheiras, à Bancada Feminista com a Sílvia, os parlamentares, todo mundo nos ajudando. Quero dizer isso, que nós estamos resistindo. É uma tentativa de um ataque, na verdade, à expressão da categoria. Os trabalhadores têm o direito de lutar, isso é o mínimo que se espera.

E esse direito de lutar está sendo ameaçado permanentemente, não só pelo Governo Bolsonaro, mas também pelo Governo Doria. E essa é a tentativa de calar a boca do Sindicato dos Metroviários, assim como tentam calar a boca de diversas organizações e movimentos. Nós estamos num período muito difícil.

Também, por trás desse debate, está a luta contra a privatização. Por quê? Porque o sindicato é uma pedra no sapato contra a privatização da CPTM, do Metrô de São Paulo. Nós ajudamos na luta contra a privatização, porque no nosso entendimento a privatização representa na verdade beneficiar os grandes empresários e contra a população.

Basta vermos, por exemplo: se privatizarem o sistema Eletrobras, vai aumentar a tarifa da energia; se privatizarem o Metrô, vai piorar o serviço, como aconteceu no Rio de Janeiro, e tende a aumentar a tarifa. E a nossa luta é no sentido contrário.

Então, nós entendemos a luta pela defesa da nossa sede, pela história, pela liberdade democrática, mas também há a luta contra a privatização. A gente agradece, a luta vai continuar. Estamos resistindo e estamos exigindo do Governo Doria que aceite e não retire a sede do Sindicato dos Metroviários.

Essa proposta de tombar o sindicato como parte do patrimônio histórico da classe trabalhadora em São Paulo também tem uma importância muito grande.

É isso, vamos juntos. Quero agradecer mais uma vez a oportunidade e a iniciativa da bancada do PSOL na Câmara Municipal, dos demais parlamentares do PT, do PCB que estão nos ajudando, e da categoria que está nos acompanhando. Estou vendo o Marcos Antonio, a rapaziada, os operadores de trem, o pessoal da manutenção. Então é bem legal. Vamos juntos. Um abraço.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Muito importante a categoria metroviária, tão fundamental, essencial, na cidade de São Paulo, acompanhando esta audiência pública.

Eu queria chamar agora, para as suas considerações finais, o Coordenador Fajardo.

O SR. WAGNER FAJARDO - Primeiro eu quero agradecer à Bancada Feminista por essa iniciativa. É mais uma iniciativa importante na defesa da nossa sede. Quero agradecer todos os pronunciamentos, em especial, dos parlamentares que estão nos ajudando nessa Casa Legislativa. E, como Casa Legislativa, tem um dos poderes no Município de jogar um peso para podermos reverter essa situação.

Eu quero dizer que nós vamos continuar a nossa batalha. Como disse o Altino, nós vamos continuar servindo as refeições para o povo necessitado, com a UBM, tão bem coordenada pelo nosso companheiro Amaral. Nós vamos também, nas noites frias, continuar mantendo o acolhimento às pessoas em situação de rua.

Mas, vamos continuar mobilizando a categoria para defender esse espaço e defender os direitos da categoria. Estamos, infelizmente, numa guerra que não fomos nós que

iniciarmos. É uma guerra que a direção do Metrô resolveu desferir contra a categoria. Tentou retirar os seus direitos, mas não conseguiu. Nós conseguimos ter uma vitória temporária e a gente pretende que seja definitiva. Vamos continuar essa batalha.

E, agora, vamos continuar a batalha para a defesa da nossa sede. Não tenham dúvida disso. A categoria e a direção do sindicato não vão se render. Nós achamos que essa sede, como estão colocando, é uma sede histórica. Mas é, acima de tudo, um patrimônio da categoria, que está sendo retirado. Está sendo roubado da categoria.

A categoria investiu. A categoria colocou seus recursos. Isso não foi dado de graça. Essa sede em que eu, a Camila e o Amaral estamos ocupando agora, esse espaço, foi construído pela categoria. Ela serve de palco para a nossa luta, mas serve também de palco para as nossas festas. Serve de palco para o nosso lazer. Serve de palco para as nossas famílias. E nós vamos defender isso.

— Não é possível que a gente não tenha sensibilidade do Governo do Estado e da direção do Metrô para praticarem o ataque que estão praticando. Estamos muito confiantes no comercial que está abrindo, nos movimentos que estão sendo feitos, e esse da bancada dos deputados é muito importante. Acho que num momento como esse, num período pré-eleitoral, um monte de movimento, e nós queremos sim um monte de movimentos em defesa da sede do sindicato. É um movimento político em defesa do interesse dos trabalhadores.

Portanto, estamos aqui dispostos a lutar, mas, acima de tudo estamos dispostos também à negociação. Queremos nosso espaço, nossos direitos e nós achamos que esse processo tem de ser cancelado. A direção do Metrô tem de terminar, parar com essa guerra contra a categoria, essa categoria presta um serviço essencial à população. Essa categoria serviu e serve à população cotidianamente, essa categoria serviu à população nos momentos mais difíceis da pandemia, e não é justo que, como prêmio, receba um ataque dessa envergadura, não só em relação a nossa sede, mas principalmente em relação aos nossos direitos que estão sendo ameaçados.

Portanto, a nossa luta continua, a nossa resistência continua, e nós estamos

dispostos sim a negociar, mas a negociação não pode ser uma negociação que nos imponha roubar a sede dos metroviários. Então é esse o esforço que estamos fazendo. Agora, se tiver que resistir, a categoria já resistiu em vários momentos, e não fez porque quis, mas fez greve durante a pandemia. No ano passado, fechou um acordo com o Metrô que, inclusive, nem reajuste salarial exigiu, e fechou tendo que fechar decretando uma greve porque essa direção do Metrô não tem um mínimo de sensibilidade. Essa direção do Metrô, a sensação que a gente tem é que tem ódio da categoria, que tem ódio do sindicato. E contra o ódio temos aqui a nossa dedicação, o nosso esforço para continuar prestando um serviço essencial à população, mas nós não vamos abrir mão da nossa luta, da nossa organização para resistir aos ataques aos nossos direitos.

Mais uma vez, obrigado, Silvia; obrigado a todos que aqui participaram. E a gente vai continuar a nossa luta em defesa da sede do sindicato.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Obrigada, Fajardo. Queria chamar então a Coordenadora do Sindicato, Camila Lisboa para fazer as suas considerações finais.

A SRA. CAMILA LISBOA – Silvia, muito obrigada. Quero agradecer a você, à Dafne, a todas as Cooredoras da Bancada Feminista do PSOL, ao Donato, ao Paulo Teixeira, ao Zaratini, a todos os parlamentares que estão atuando nesse tema. A gente faz uma luta conjunta, contamos com a força e com a representatividade dos parlamentares, contamos com a força e a representatividade da nossa categoria, com a representatividade dos movimentos sociais, das centrais sindicais. Tudo isso está sendo muito importante, então queria agradecer a todos.

Queria saudar a nossa categoria que aqui está nos assistindo nesta audiência, através de transmissão virtual. Tem gente que vai assistir depois, tem gente assistindo junto, é muito importante essa demonstração.

Eu acho que demos uma demonstração nesta audiência de que se trata sim de um tema sensível à sociedade paulistana, de um tema relevante da cidade de São Paulo, do

Estado de São Paulo. Nós estamos aqui na sede do sindicato, eu estou aqui, o Fajardo está aqui. A sede do nosso sindicato também abriga a Praça Marielle Franco porque o nosso sindicato é também um instrumento de luta das mulheres, um instrumento de luta contra o autoritarismo que se expressou no que foi o assassinato político de Marielle Franco. A gente tem aqui a nossa praça, e nós estamos aqui.

Acho também que esta audiência levantou argumentos suficientes para mostrar que o que estamos vivendo se trata de um arrobo autoritário por parte da Presidência do Metrô, da Secretaria dos Transportes Metropolitanos, por parte da direção política do Governo do Estado, com todo histórico como vem conduzindo a relação com a nossa categoria e com os movimentos sociais. É uma atitude desnecessária que pode causar um conflito desnecessário para a cidade de São Paulo.

Acho que seria importante também nessa audiência, uma das ideias é o encaminhamento, é fazer o chamado de uma reunião com o Governo do Estado, para receber os representantes dos sindicatos, para receber também os parlamentares, como sugeriu o Paulo Teixeira, que estão alinhados nessa luta em defesa dessa sede, em defesa do reconhecimento desse espaço como patrimônio histórico da luta da classe trabalhadora na cidade de São Paulo.

E também uma audiência que serviu para darmos um recado para a sociedade paulistana. Os trabalhadores do Metrô não querem conflito. Nós temos consciência da importância do nosso trabalho e nós garantimos esse trabalho todos os dias, 24 horas por dia. Tivemos uma atuação importante. Necessária, vital durante toda a pandemia, ajudando a salvar vidas, transportando as pessoas que precisaram de atendimento médico, transportando os profissionais da saúde que estão cumprindo um papel heroico neste momento dramático da sociedade brasileira, com a pandemia que já matou quase 600 mil pessoas, mais de 100 mil pessoas no Estado de São Paulo.

Queremos seguir cumprindo esse papel, mas não podemos assistir a uma atitude dessas sem recorrer aos nossos instrumentos de mobilização, de reação, de resistência, como

uma possível greve da nossa categoria, as mobilizações que já vimos fazendo.

Esta audiência cumpriu um papel muito importante. Quero agradecer novamente, bastante. Espero que, como resultado desse processo, tenhamos canais de diálogo para que a cidade de São Paulo não precise vivenciar mais conflitos causados por uma atitude autoritária, desnecessária, antissindical, antidemocrática por porta da Secretaria de Transportes Metropolitanos, da presidência de uma empresa como é o Metrô, tão importante para a sociedade da Cidade, para todos os trabalhadores.

Então é isso. Muito obrigada e a luta segue firme.

A SRA. PRESIDENTE (Silvia da Bancada Feminista) – Muito obrigada, Camila.

Vamos partir para a finalização.

Quero reiterar a cobrança em relação ao Governo João Doria, em relação ao Vice-Governador Rodrigo Garcia, para que eles não tenham essa atitude de pegar a sede do Sindicato de uma categoria tão importante. Na verdade, o que tem de acontecer é o cancelamento desse leilão, e a sede voltar juridicamente, oficialmente, para as mãos do Sindicato dos Metroviários.

Se isso vier a acontecer, todos os trabalhadores afirmaram, haverá resistência, mobilização, com possibilidade de greve. Essa é a disposição tanto dos trabalhadores quanto do próprio Sindicato, e também dos parlamentares que estivemos aqui, nós da Banda Feminista, o Vereador Donato, que esteve presente na nossa audiência, que teve de sair, mas está acompanhando, o Deputado Federal Paulo Teixeira, o Deputado Zaratini.

Nós estamos dispostos a, primeiro, nos esforçarmos para ter esse canal de mediação nessa negociação, mas ao mesmo tempo também a disposição de estar ao lado dos trabalhadores nesse processo de resistência.

Quero agradecer a todas as metroviárias e a todos os metroviários que acompanharam esta audiência, que dedicaram um pouco do seu tempo para acompanhar.

Quero também dizer que nós temos dois encaminhamentos. Um nós já fizemos, já protocolamos o pedido ao Conpresp para que a sede do Sindicato dos Metroviários se torne

patrimônio histórico, que seja tombado, que não possa ser vendido em hipótese nenhuma; esse pedido está tramitando.

Quero anunciar a presença do mandato da Deputada Lecy Brandão, que apoia a luta dos metroviários. Entrou agora no final, não sei se quer fazer uso da palavra. (Pausa) Já falou no *chat*. Muito obrigada ao mandato da Deputada Lecy Brandão pela presença.

Assim que acabar a audiência nós vamos ligar para os representantes, os assessores do representante do Presidente do Metrô, que é o Dr. Silvani Pereira, que disse que não pôde participar da audiência, mas está disposto a conversar. Então nós vamos ligar para ver se conseguimos esse canal de diálogo para termos uma solução que, do nosso ponto de vista, tem de ser a saída do cancelamento do leilão e que a sede do Sindicato permaneça nas mãos dos trabalhadores metroviários e metroviárias da cidade de São Paulo.

Nada mais havendo para ser tratado, dou por encerrada esta audiência pública da
Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente.

Tenham, todas, todos e todes uma boa tarde.